

Data-base 2009

# Diário da greve

## Momentos de luta nas universidades estaduais paulistas

### 16 de abril – O protocolo da Pauta Unificada

Representantes do Fórum das Seis entregam a Pauta Unificada de Reivindicações de 2009 ao Cruesp, aprovada nas assembleias de base.

### 18 de maio – A primeira negociação. O primeiro grande ato na USP

A primeira negociação acontece no dia 18 e maio, mais de um mês após a entrega da pauta. Mesmo diante da comprovação de existência de caixa nas universidades, o Cruesp limita-se a oferecer 6,05% de reajuste, referente à inflação do ano. Para o restante da reivindicação salarial (10% para repor parte das perdas históricas e parcela fixa de R\$ 200,00), a proposta é zero.

Do lado de fora da negociação, em frente à reitoria da USP, cerca de 1.200 manifestantes participam de um ato público. Além de centenas de servidores da USP, em greve desde o dia 5 de maio, o ato conta com a presença de caravanas da Unicamp e de sete unidades da Unesp. Entre as reivindicações, está a reintegração do sindicalista Claudionor Brandão, demitido pela reitoria da USP devido à sua atuação sindical.



### 25 de maio – Farsa da segunda negociação impulsiona greve na Unesp

O ato convocado para acompanhar a segunda rodada de negociação da data-base reúne cerca de duas mil pessoas em frente à reitoria da USP. O dia de paralisação, proposto pelo Fórum das Seis, tem boa adesão nas três universidades. Entre os funcionários da Unesp, nove campi cruzam os braços, sendo que 11 enviam caravanas ao ato.

A negociação, no entanto, não acontece! Não tendo como justificar sua proposta pífia de reajuste salarial, o Cruesp opta pelo desrespeito: tenta impedir a entrada de representantes dos estudantes e de outras entidades (como Andes e Fasubra), força os representantes do Fórum a entrar pelos fundos, entre outras provocações. Com suas manobras protelatórias, os reitores conseguem exaltar os ânimos dos manifestantes e a reitoria é ocupada momentaneamente por parte deles.

O Cruesp suspende unilateralmente as negociações. A conduta dos reitores faz crescer a mobilização dos servidores técnico-administrativos da Unesp e várias unidades declaram greve, num movimento que chegaria a atingir 14 campi, inclusive parte dos experimentais.



Aula pública durante a ocupação da PM: reflexões sobre a ausência de democracia na universidade

### 1º de junho - A polícia invade a USP... a pedido da reitora e com o apoio de Serra

Como não se via há 30 anos, o campus da Universidade de São Paulo amanhece o dia 1º de junho ocupado por mais de 300 policiais militares. A invasão acontece a pedido da reitoria da USP, com o apoio do governo Serra, e gera veementes protestos na comunidade universitária.

A atitude truculenta da reitoria da USP (vale lembrar que a reitora Suelly Vilela é a atual presidente do Cruesp) acontece “coincidentemente” quando a mobilização cresce nas universidades.



### 9 de junho – A PM agride servidores, docentes e estudantes na USP

Durante um pacífico ato, no dia 9/6, contra a presença da polícia no campus Butantã da USP e pela retomada das negociações, trabalhadores e estudantes das universidades e do Centro Paula Souza são surpreendidos com a ação violenta dos policiais. A repressão termina com vários feridos, além da prisão de funcionários e estudantes.

Diante desse gravíssimo fato, o Fórum das Seis reúne-se no dia 10/6 e produz uma nota de repúdio, conclamando a categoria a ampliar ainda mais a greve. O movimento cresce consideravelmente, com a decretação da greve entre os docentes da USP e da Unicamp. Entre os servidores e os estudantes, a adesão é generalizada nas três universidades. A greve também se fortalece entre os docentes da Unesp.



### 18 de junho – Passeata reúne mais de cinco mil até o Largo São Francisco

Vindos das três universidades estaduais (Unesp, USP e Unicamp) e do Centro Paula Souza, cerca de cinco mil manifestantes saem do vão livre do MASP, na capital, e seguem em passeata até a Faculdade de Direito da USP, no Largo São Francisco. O objetivo do ato é repudiar a violência praticada contra a comunidade universitária na USP, em especial no dia 9 de junho, pedir a imediata retirada da polícia militar do campus, a saída da reitora Suelly Vilela e a retomada das negociações da pauta unificada.

O ato ocupou avenidas centrais da capital e as páginas da grande imprensa: Sintunesp presente

### 22 de junho – A retomada das negociações

A força do movimento leva o Cruesp a retomar as negociações no dia 22 de junho. Novo ato acontece em frente à reitoria da USP. Para participar da reunião, o Fórum exige a retirada da polícia do campus da USP, o que é atendido. Passados quase 30 dias desde a ruptura das reuniões, por parte dos reitores, esperava-se que apresentassem propostas novas, mas isso não ocorre. Assim, como nos atos anteriores, o ensino à distância é criticado.



### 25 de junho – Ato na Alesp cobra mais verbas e democratização

Coordenados pelo Fórum das Seis, manifestantes das três universidades e do Centro Paula Souza realizam ato na Assembleia Legislativa de São Paulo. O objetivo é discutir a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO/2010), com ênfase para as propostas apresentadas pelo Fórum das Seis (33% da arrecadação de impostos para a educação pública, 11,6% do ICMS para as universidades e 2,1% para o Centro Paula Souza); Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp); e democratização da estrutura de poder nas universidades estaduais paulistas.

### 29 de junho - Na última negociação... mais encenação

A negociação realizada no dia 29/6 nada acrescenta (leia matéria na página 2). O Fórum das Seis indica às assembleias das entidades o retorno ao trabalho, respeitadas as negociações específicas em curso nas universidades. Indica, ainda, que os trabalhadores devem se preparar para a retomada das lutas no segundo semestre: por melhorias salariais, democratização das instâncias de poder nas universidades, políticas de permanência estudantil, atendimento das pautas específicas, entre outros.

Em paralelo à negociação, em frente à reitoria da USP, é lançado o Fórum pela Democratização das Universidades Estaduais Paulistas (veja abaixo).

### 30 de junho – Assembleias avaliam o movimento. Marília segue em greve

A maior parte das assembleias das entidades aponta para o final da greve, como é o caso dos servidores e docentes da USP, professores da Unesp em Marília e Assis. Na Unicamp, docentes e servidores haviam suspenso o movimento na semana anterior. Entre os estudantes, a manutenção da greve é aprovada nas assembleias da USP e do campus da Unesp em Marília.

Entre os servidores da Unesp, quase todas as assembleias decidem encerrar a greve, com exceção de Marília. Refletindo o descontentamento da categoria com a postura do Cruesp (negativa de reajuste mesmo diante da comprovada folga de caixa) e da reitoria da Unesp (propostas ínfimas na negociação da pauta específica), os servidores de Marília aprovam a continuidade do movimento, marcando nova avaliação para 2 de julho. Neste dia, decidem suspender a greve, fixando a volta ao trabalho para o dia 6/7 e mantendo a mobilização.

### Lançamento do Fórum pela Democratização reúne intelectuais e representantes das entidades

Na segunda-feira, 29/6, durante a realização da negociação com o Cruesp, aconteceu na USP o lançamento do Fórum pela Democratização das Universidades Estaduais Paulistas. Participaram da atividade o sociólogo Francisco de Oliveira, o educador Demerval Saviani, a filósofa Marilena Chauí e o matemático Francisco Miraglia, bem como representantes dos sindicatos e entidades estudantis da Unesp, Unicamp, USP e Centro Paula Souza.

“Há uma tendência de privatização da universidade pública no país e a ausência de democracia é parte da estrutura montada pela classe dominante para impor esse projeto”, assinalou Saviani. Para ele, a democratização da universidade é condição indispensável para o acesso ao conhecimento por parte da população.



O sociólogo Francisco de Oliveira fala durante o ato. Ao seu lado, a filósofa Marilena Chauí (dir.) e a educadora Lisete Arelaro

“Se concordamos que vivemos na chamada sociedade do conhecimento, fica claro que nós, trabalhadores da universidade, somos peça chave da produção capitalista atual”, pontuou Chauí. Assim, disse, “falar de democracia é discutir a forma com que vamos nos inserir nessa produção”, ou seja, qual tipo de conhecimento vamos gerar, se para os capitalistas ou para o conjunto da sociedade.

Para Miraglia, autonomia e democracia são questões estruturais e não somente institucionais. “Não vamos esque-

cer jamais o dia 9 de junho de 2009, para que fatos como esse não se repitam na universidade pública brasileira”, disse referindo-se à repressão policial no campus da USP.

Oliveira prosseguiu na análise, alertando que a democracia não pode se limitar a truques institucionais. “Os de cima resolvem

e jogam um falso poder de decisão para os de baixo”, exemplificou. “Queremos a divisa de 1968, queremos o impossível”, conclamou o sociólogo, citando o lema que embalou o movimento estudantil na década de 60.

**Jornal**  
No **Jornal do Fórum das Seis**, que circulará em breve, veja mais detalhes sobre o lançamento do **Fórum pela Democratização das Universidades Estaduais** e os encaminhamentos aprovados.



**PELA REINTEGRAÇÃO DO SINDICALISTA BRANDÃO! RETIRADA DE TODOS OS PROCESSOS CONTRA TRABALHADORES E ESTUDANTES!**